

Os membros do conclave, porém, cobriram-no de zombaria e pedradas. Ninguém acreditou no mensageiro. Para a bicharia, a cidade dos homens era um ninho celestial, sem deveres e sem lutas, sem dificuldades e sem percalços e, por isso mesmo, a macacada continuou exigindo acesso à esfera humana, com o único objetivo de gozar e repousar.

Escutei a lenda curiosa, estudando-lhe o símbolo.

Não pintará esta história a mesma situação corrente entre os "vivos" e os "mortos" da atualidade?

XXV

ESPÍRITOS DOENTES

— Aonde chegaremos, "seu" Daniel? — exclamava Porfírio, excelente companheiro de lides espirituais — tenho visto muita teoria na doutrina, muita briga por isso e por aquilo, mas essa ideia de "espíritos doentes" não vai... Como engolir a novidade? Pertencem as moléstias ao corpo, articulam-se na fauna microscópica e devem acabar naturalmente com a extinção dos ossos. Espírito é espírito. Não temos aqui afirmação perfeitamente ortodoxa? Se as enfermidades são transferíveis, então...

— Mas, Porfírio, venha cá! — acentuava o interlocutor, complacente — raciocinemos sobre o assunto. Quem nos despertou para essas realidades não nos disse que a coisa é assim, sem mais nem menos. Nem todas as doenças nos acompanharão e grande número delas, indubitavelmente, não passará do sepulcro. E' inegável, porém, o desequilíbrio da mente e, em semelhante desarmonia, as enfermidades da alma se fazem claramente compreensíveis. Você não pode admitir que um homem, encarcerado na suposição de absoluto domínio, que viva de cometer violências com o próximo, provocando emissões magnéticas destrutivas ou perturbadoras, venha a achar-se em rigorosa sanidade espiritual, depois da morte, só porque deliberou aceitar o poder da oração "in extremis". A prece constituir-lhe-á remédio salutar, a empregar-se no início da cura. No entanto, não pode remover, de momento para outro, os espinheiros que tal homem criou para si próprio. Não acredita que o imprevidente e o perverso, desligados do corpo denso,

conservarão, por muito tempo, o fruto amargoso da própria sementeira?

O interpelado não se deu por vencido.

— Não — obtemperou, contrafeito, — não posso concordar. Corpo e alma, a meu ver, são essencialmente distintos. A matéria é pó e tudo o que se relaciona com o pó se destina ao chão do Planeta. E' impossível crer em "espíritos doentes" no outro mundo. A morte é força niveladora. No túmulo, deixaremos todos os motivos de perturbações materiais. Demoramo-nos por aqui, simplesmente em provas expiatórias e a sepultura nos abrirá caminho para os mundos felizes. De outro modo...

Diante das reticências significativas, o amigo renovou as considerações:

— Não lhe apraz, contudo, interpretar nossas lutas, na superfície da Terra, como ensinamentos edificantes? Não se sente, acaso, numa escola de grandes proporções, onde cada aprendiz responde por si, perante orientadores e benfeitores? Admite que a morte seja um "levantar de bandeira", assim como nas corridas de cavalos, constringendo cada espírito a buscar, apressadamente, a melhor parte?

Porfírio, rebelde, acrescentou:

— Se você interpõe a argumentação para justificar a teoria de entidades enfermas, engana-se. Espíritos não podem adoecer. Não podemos fomentar a ilusão de hospitais na "outra vida".

Antes que a palestra se tornasse mais acalorada, D. Amélia, a esposa do teimoso doutrinador, veio chamar para a reunião no ambiente doméstico.

A mesa estava posta. Médiuns e demais companheiros em meditação.

Decorridos alguns minutos, iniciaram-se os trabalhos sob a direção de Porfírio.

Orações sentidas e comentários reconfortantes.

O material de espiritualidade superior era ali autêntico, preciso. Tudo condimentado em cristalina sinceridade familiar.

Ao término da sessão, eis que se incorpora um espírito perturbado, sofredor. Grita e chora. Declara-se em trevas e assevera ouvir com imensa dificuldade. Acusa dores terríveis na mão direita. Relaciona lembranças fragmentárias. Tem a memória tardia de um hemiplégico. Foi juiz em comarca remota. Confessa haver prostituído o tribunal. Diz haver despertado fora do corpo físico, torturado por antigas vítimas. Está angustiado. Quer viver, entre os homens, outra vez, a fim de reparar as falhas cometidas.

O diretor da reunião doutrina, amoroso, mas laborioso.

Depois de longo entendimento, em que o devotado orientador encarnado despende todos os recursos socorristas ao seu alcance, o infeliz revela melhoras e abandona o recinto, prometendo aproveitar-se dos conselhos recebidos.

Encerram-se os serviços da noite, entre ações de graças.

O condutor da sessão enxuga a fronte suarenta.

Quando a sala se esvaziou, após o adeus reconfortante dos amigos que se afastaram jubilosos pelo agradável dever cumprido, Daniel se aproximou do companheiro e falou, bem humorado:

— Então, Porfírio? acredita que estivemos socorrendo um espírito desencarnado robusto e sadio? O infeliz acusa desequilíbrio mental evidente, revela distúrbios e dores perfeitamente localizados. Um médico hábil, entre nós, poderia lavrar completo diagnóstico.

Porfírio silenciou, pensativo.

— Para mim — prosseguiu Daniel, — o comunicante está seriamente enfermo e você funcionou na condição de clínico providencial. Imagine que ele mostrou os sintomas de um reumático, a fadiga que procede de perturbações circulatórias, a memória falha de um paralítico, as visões de um louco, sem nos reportarmos aos intrincados problemas psicológicos de que é portador, que dariam para

tentar a curiosidade de muitos Freuds. Não acha que tenho razão?

Foi então que Porfírio, desapontado, balanceou a cabeça e retrucou vencido:

— Sou doutrinador de espíritos sofredores há mais de vinte anos, mas, francamente, ainda não havia pensado nisto.

XXVI

A PROTEÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

Conta-nos venerando amigo que Antônio de Pádua, no luminoso domicílio do Plano Superior, onde trabalha na extensão da Glória Divina, continuamente recebia preces de pequena família dos montes italianos. Todos os dias, era instado a prestar socorros e enlevava-se com as incessantes manifestações de tamanha fé.

O admirável taumaturgo, por vezes, nas poucas horas de lazer, recreava-se anotando o registo dos petítórios, procedentes daquele reduzido núcleo familiar. Sorria, encantado, relacionando-lhe as solicitações. O grupinho devoto suplicava-lhe a concessão das melhores coisas. Lembrava-lhe o nome, a propósito de tudo. Nas enxaquecas dos donos da casa. Nos sonhos das filhas casadouras. Nos desatinos do rapaz. Nos sapatos das crianças.

O santo achava curiosa a repetição das rogativas. Variavam de trimestre a trimestre, repetindo-se, porém, cronologicamente. Assim é que determinava aos colaboradores o fornecimento de recursos sempre iguais, de conformidade com as estações. Dinheiro e utilidades, socorro e medicação, alegria e reconforto.

Reproduziam-se os votos, na atividade rotineira, quando Santo Antônio reparando, mais detidamente, as notas de que dispunha, verificou, surpreso, que aquele punhado de crentes confiantes não apresentara, ainda, nem um só pedido de trabalho. O protetor generoso meditou, apreensivo, e como a devoção continuasse, fresca e ingênua, por parte dos beneficiários, deliberou visitá-os pessoalmente.